

CENTRO DE ESTUDOS CLASSICOS
FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA

EVPHROSYNE

REVISTA DE FILOGIA CLÁSSICA

NOVA SÉRIE — VOLUME XXXI

—
SEPARATA



LISBOA • 2003

A perpetuação do ódio

ADRIANA FREIRE NOGUEIRA
Universidade do Algarve
adriana.nogueira@clix.pt

«Mas, se de algum modo queremos persuadi-los de que jamais um cidadão teve ódio a outro, nem isso é sancionado pela lei divina, é isto que deve ser dito, de preferência, às crianças». – Platão, *Resp.*, 378c¹

A violência exercida sobre crianças na literatura clássica não nos passa despercebida. A mitologia está pejada de exemplos de crianças despedaçadas², cozinhadas³ e comidas⁴, apedrejadas⁵, cegadas⁶, expostas à morte⁷, atiradas a cães⁸, mutiladas⁹, não obstante, na sua provável totalidade¹⁰, não lhes poder ser imputável qualquer culpa. É, talvez, essa inocência que contribui para um efeito mais intenso no leitor actual, a quem os direitos das crianças são constantemente lembrados (porque constantemente violados).

Mas será apenas para o leitor actual? Será que os Gregos também não se chocavam com a forma brutal como as crianças eram representadas? Que propósitos serviria? Corresponderia essa representação a um real e efectivo mau trato?

O quotidiano dos Gregos não deveria ser muito diferente do nosso, e disso temos testemunhos¹¹. Relativamente à violência doméstica, será difícil

¹ A citações de *A República* são da tradução de M. H. ROCHA PEREIRA, Lisboa, 2001.

² Hípaso.

³ Melicertes e Learco.

⁴ Zagreu, renascido como Iaco; Pélops; os filhos de Tiestes; Arcade.

⁵ Uns homens mataram um grupo de crianças que brincava a estrangular uma estátua de Ártemis.

⁶ Filhos de Fineu e Cleópatra.

⁷ Édipo; Íamo; Éolo e Beoto.

⁸ Filho de Cànace.

⁹ Os filhos das Amazonas.

¹⁰ Arrisco uma afirmação taxativa, apesar de não ter um levantamento exaustivo de todas as ocorrências de violência sobre crianças na mitologia greco-romana.

¹¹ Por exemplo, no pitoresco idílio de Teócrito, *As Siracusanas*, a vida (na época helenística, é certo) assemelha-se à nossa, podendo a acção do episódio ali descrito ser deslocada no espaço e no tempo para a periferia de uma qualquer grande cidade actual, sem que se tivesse que modernizar mais do que alguns termos.

não ficar pela mera especulação; no entanto, em situação de guerra, temos registos de como as crianças eram as principais vítimas, não só por perderem os seus progenitores, a liberdade, como por serem elas próprias um alvo. Tomemos o testemunho de Tucídides. Na *História da Guerra do Peloponeso* são comuns as situações de submissão à escravatura das mulheres e dos filhos dos vencidos. Por exemplo, no fim das Guerras Pérsicas, os Atenenses reduziram à servidão as mulheres e crianças dos inimigos (I.89.3), bem como, já durante a Guerra do Peloponeso, o fizeram às mulheres e crianças de Torone (V.3.4), de Cione (V.32.1) e de Melos (V.116.4). Contudo, as crianças não ficavam esquecidas pelos seus conterrâneos e familiares. Quando havia possibilidade, estes negociavam a sua restituição, como estava previsto, por exemplo, no texto do tratado de paz entre Lacedemónios e Argivos, em que ambas as partes deveriam devolver as crianças que tivessem em sua posse (V.77.1-3). Também os Trácios, quando atacam Micalesso, matam todos os que encontram, não poupando nenhum ser vivo, mulheres, velhos, crianças ou animais (VII, 29.4). Mas Tucídides destaca um episódio em particular, contado de um modo lapidar, e que demonstra a crueldade possível nestas situações: atacando uma escola cheia de crianças acabadas de entrar, *κατέκοψαν πάντας*. O uso do verbo *κατακόπτω*, que indica um sentido específico de matar (despedaçar, cortar em pedaços, desmembrar), realça a crueldade do acto.

Ainda na *História da Guerra do Peloponeso* temos casos de perpetuação de conflitos. São exemplo as desavenças entre Ambraciotas e Anfíloquios¹², que envolveram os Acarnanes e posteriormente os Atenenses e os Lacedemónios, e que provocaram a submissão daqueles povos. Também a antiga querela existente entre os Argivos e os Lacedemónios¹³ leva à inconstância nas alianças e a sucessivos ataques e contra-ataques¹⁴ que conduzirão (devido ao envolvimento de Atenas) ao fim da paz de Nícias.

É de acreditar que o ódio se perpetua, de geração para geração, sendo entre cidades e povos a representação, a um nível alagado, do que acontece entre famílias, em menor escala, mas com as mesmas devastadoras consequências. E disso, como começámos por afirmar, é a mitologia exemplo, apresentando-nos crianças a serem mortas por familiares (mães, pais, avós, tios, irmãos) – sejam humanos ou divinos – e não familiares, por razões muito diversas.

De uma forma despreziosa, notem-se algumas categorias de motivações:

- despeito: ao ser trocada por outra mulher¹⁵, Medeia mata os filhos; pela mesma razão, Cleópatra, filha de Bóreas, terá cegado os seus;
- cólera divina: alguns dos filicidas são vítimas de deuses que, acometidos de loucura, podem cometer atrocidades – Héacles mata os filhos e os sobrinhos; Hípaso, filho de uma das Miníades, é despe-

¹² II.68. sq.

¹³ Como nos conta Heródoto, I.82. sq.

¹⁴ Por todo o livro V.

¹⁵ Esta minha classificação é muito linear, pois pretende simplificar os argumentos que servem de base à construção posterior por parte dos tragediógrafos.

daçado pela mãe e pelas tias, enlouquecidas por castigo de Dioniso; Átamas e a esposa Ino matam os dois filhos (a um, cozem-no num caldeirão, a outro, atiram-lhe um dardo);

- cólera humana: a mulher de Macareu matou à pancada um dos seus filhos por este ter tratado o irmão como se fosse uma vítima que se oferecia em sacrifício.
- pudor: a vergonha leva a querer esconder a manifestação de um acto que se repudia. É assim que muitos rebentos indesejáveis são *expostos*, isto é, são levados para locais ermos e aí abandonados. Em grande parte das situações, são recolhidos por pastores e sobrevivem (como Édipo); em outras, as mães arrependem-se e acolhem-nos de novo (como Íamo, encontrado entre as violetas).
- receio: uns temem os descendentes, como Crono, que foi devorando os filhos à medida que eles iam nascendo, até ser enganado pela mulher e um (Zeus) ter sobrevivido para fazer cumprir o destino; ou Laio, que não quer que um oráculo se efective e manda matar o pequeno Édipo.

Apesar da educação ateniense ter uma forte componente moral¹⁶, de se aprender Sólon de cor e os seus ensinamentos (onde os filhos¹⁷ eram um bem que contribuía para a felicidade dos homens), nas famílias, na escola, no contacto com os mais velhos, as crianças deveriam estar sujeitas a exemplos de violência perpetrados contra outras crianças, na maior parte dos casos em resultado de uma vingança, embora vítimas inocentes. Mesmo tendo direito à ira e ao ciúme¹⁸, o crime de Medeia deveria ser aterrador para qualquer criança. E se antes do advento das tragédias essas histórias poderiam ser mais facilmente evitáveis ou até desconhecidas, com a divulgação que estas representações delas fazem, a sua influência torna-se mais evidente¹⁹, nomeadamente com Eurípides. Como diz Aristóteles, «não há muitas famílias de cuja história se possa tirar argumento de tragédias»²⁰, sendo, por isso, necessário recorrer a mitos, a «história das famílias em que semelhantes calamidades sucederam»²¹. E é precisamente em Eurípides que encontramos alguns exemplos de uso de crianças na trama, de modo a exacerbar o dramatismo das cenas e, destarte, suscitar «o terror e a piedade»²².

¹⁶ Ridicularizada por Aristófanes, na peça *As Nuvens*, no diálogo entre o Raciocínio Justo e o Raciocínio Injusto (a partir de do v. 961).

¹⁷ A par dos cavalos e dos cães... Cf. Fragmento 13 de Diehl: «Feliz o que tem filhos caros, cavalos monodáctilos, cães de caça [...]». Na edição de M. H. ROCHA PEREIRA, *Hélade. Antologia da Cultura Grega*, Coimbra, 1982.

¹⁸ Estou a citar o subtítulo do livro de OLGA RINNE, *Medea. Das Recht auf Zorn und Eifersucht*, na sua edição brasileira: O. RINNE, *Medéia. O Direito à Ira e ao Ciúme*, S. Paulo, 1992.

¹⁹ Até porque os rapazinhos podiam assistir aos dramas.

²⁰ Arist. *Po.* 1454a9. As citações desta obra correspondem à tradução de EUDORO DE SOUSA: Aristóteles, *Poética*, Lisboa, 1998.

²¹ Arist. *Po.*, 1454a13.

²² Arist., *Po.*, 1449b27.

Como normalmente as crianças não tomam parte activa nas peças, pois não falam²³, nos casos em que tal acontece têm, então, um maior efeito. É o que se passa na estrofe e antístrofe cantadas por Eumelo, filho de Alceste²⁴, quando acompanha o cadáver da progenitora. O tratamento da mãe por *μαῖα* e de si próprio por *νεοσσός* insere-se num registo de linguagem infantil, gerando maior piedade quando se queixa de ter sido abandonado «a uma vida de orfandade»²⁵. Também a intervenção de Molossos, filho de Andrómaca²⁶ e bastardo de Neoptólemo, suscita o mesmo tipo de sentimento: uma criança inocente que vai ser morta, lamenta-se e afirma: «debaixo das tuas asas, contigo desço»²⁷. O uso de *πτέρυξ* (ainda que este termo também queira dizer, por extensão, «franjas de vestido») remete para um campo semântico que indicia a fragilidade infantil. É a voz da criança que se sente como um passarinho (o *νεοσσός* de Eumelo) debaixo das asas da mãe (*σὺ πτέρυγι*). A própria Andrómaca usa a mesma imagem quando tenta convencer Menelau a poupar o filho à morte: «E também a esta avezinha que arrancaste de debaixo das minhas asas?»²⁸.

Na tragédia *Hércules*, a personagem homónima declara: *πᾶν δὲ φιλότεχνον γένοϋς* (v. 636), com isso indo ao encontro do sentimento generalizado entre os gregos de amor pelos filhos. Em outras peças se expressam estes sentimentos: Andrómaca (v. 418) afirma que os filhos são a alma dos homens; no *Íon*, que gira em torno da desdita de não ter filhos (e de não ter pais), o Coro (v. 472 sq.) declara que os filhos são preferíveis à riqueza, afirmando: «Desprezo a vida desprovida de filhos e censuro aquele que tal coisa aprova»²⁹. No entanto, esta ideia é desfeita na *Medeia*, onde ter filhos não é necessariamente um bem. Diz o Coro (vv. 1090 sq.): «quem filhos nunca teve / nem experimentou, digo eu que está / no melhor caminho da felicidade, / mais que quem os teve»³⁰, levando mesmo os seus comentários para um lado muito prosaico da vida (qual o melhor modo se os criar, como lhes deixar recursos). Registe-se que, nesta tragédia, apesar das crianças não serem vistas a falar, são ouvidas, fora de cena, a lamentarem-se e a descreverem o que lhes está a acontecer (vv. 1271 sq.). Assim, uma intervenção pequena ganha um embate muito forte. Para as personagens da peça, quer para mãe, quer para a Ama, quer para o Pedagogo, quer para o Coro, quer para qualquer outra, os filhos de *Medeia* e *Jasão* são o centro das discussões e preocupações: é a eles que muitas vezes elas se dirigem, é neles que tocam, são

²³ Na tragédia grega, se bem que na latina tenhamos em *Tiestes*, de Séneca, o filho mais velho deste mesmo Tiestes a falar, incitando o pai a aceitar a proposta de Atreu (de partilhar o reino), sabendo todo o ouvinte qual seria o desfecho do enredo: a morte das crianças e posterior deglutição pelo próprio pai.

²⁴ Na tragédia de Eurípides com o mesmo nome, vv. 405 sq.

²⁵ Na tradução de MANUEL O. PULQUÉRIO e MARIA ALICE N. MALÇA. Eurípides, *Alceste. Andrómaca. Íon. As Bacantes*, Lisboa, 1973.

²⁶ Na tragédia de Eurípides com o mesmo nome.

²⁷ Vv. 495 sq., na tradução JOSÉ RIBEIRO FERREIRA. Eurípides, *Alceste. Andrómaca. Íon. As Bacantes*, Lisboa, 1973.

²⁸ V. 441, na tradução supracitada.

²⁹ Na tradução de FREDERICO LOURENÇO. Eurípides, *Íon*, Lisboa, 1994.

³⁰ Na tradução de MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA. Eurípides, *Medeia*, Coimbra, 1996.

eles a extensão do braço da mãe na execução da vingança contra a filha de Creonte, enfim, é o seu uso como motivo dramático que contribui para o êxito da encenação, prendendo o interesse do espectador.

Mas tudo isto é mitologia e os Gregos sabiam-no³¹, como o demonstra Aristóteles ao referir, a propósito dos mitos, que o poeta deve «usar artisticamente os dados da tradição»³². Mas seriam tão inocuos? Tal como hoje se discute se é prejudicial à formação do indivíduo a exposição à violência indirecta (como seja a que chega pela televisão) quando crianças, no século V e IV a.C. essa problemática também se levantou. Platão afirma que «[A mentira sem nobreza] É o que acontece quando alguém delinea erradamente, numa obra literária, a maneira de ser de deuses e heróis»³³.

Em *A República*, a personagem Sócrates alerta precisamente para os perigos que podem advir de deixar ao alcance dos mais jovens certos paradigmas que poderão ser mal interpretados. Defende, pois, que o facto de existirem actos violentos nas aventuras dos deuses não implica que sejam usados como motivo literário: «Mas que Hera foi algemada pelo filho [...], e que houve combates de deuses [...] é coisa que não deve aceitar-se na cidade, quer essas histórias tenham sido inventadas com um significado profundo, quer não»³⁴. Afirma ainda o filósofo: «E os actos de Cronos e o que sofreu por parte do filho, ainda que supuséssemos ser verdade, não deviam contar-se assim descuidadamente a gente nova, ainda privada de raciocínio»³⁵. O exemplo acima indicado referente a Macareu é um caso paradigmático de como as crianças não devem ouvir, nem assistir (nesta situação concreta), a certos actos que podem ser entendidos como violentos. Quando matou o irmão, o filho mais velho deste sacerdote de Dioniso estava apenas a imitar os gestos do pai, que tinha degolado e queimado uma vítima oferecida em sacrifício. Efectivamente, «quem é novo não é capaz de distinguir o que é alegórico do que não é. Mas a doutrina que aprendeu em tal idade costuma ser indelével e inalterável»³⁶.

A sociedade grega desde cedo se preocupou com o julgamento de homicídios (o Areópago é uma das suas mais antigas instituições judiciais)³⁷, de modo a evitar que fossem os familiares da vítima a vingar as mortes, entrando numa cadeia de ódio difícil de parar, mas em termos de educação, não tomou uma posição oficial. Platão apercebeu-se da importância da formação desde a infância com vista à modelação do futuro adulto e, por isso, insurgiu-se contra o uso irreflectido dos temas mitológicos, consciente de que a educação poderá ser o veículo da transmissão dos valores a defender na cidade. A sociedade teria, por isso, responsabilidade no perfil

³¹ Esta problemática é discutida em P. VEYNE, *Acreditaram os Gregos nos seus mitos?*, Lisboa, 1987.

³² Op. cit., v. 1453b25.

³³ *A República*, 377e.

³⁴ 378d.

³⁵ 378a.

³⁶ 378d-e.

³⁷ Ésquilo, na tragédia *Euménides*, vv.483-485, mostra a natureza divina da instituição, poucos anos depois de Eúaltes lhe ter retirado a maior parte dos seus poderes.

de cidadãos que a compõem. Assim, então e ainda hoje, são pertinentes as suas palavras:

«Por causa disso, talvez, é que devemos procurar acima de tudo que as primeiras histórias que ouvirem sejam compostas com a maior nobreza possível, orientadas no sentido da virtude». Platão, *Resp.*, 378e.

RESUMO

A violência sobre crianças é uma realidade (especialmente na guerra – Tucídides) que transparece na mitologia. Os temas mitológicos, se servirem os intentos do poeta, poderão ser usados na literatura (Aristóteles), nomeadamente na tragédia de Eurípides. O autor, no entanto, tem responsabilidade na educação do cidadão, devendo evitar exemplos que incitem à perpetuação do ódio (Platão).

ABSTRACT

Violence upon children is a reality (specially during war times – Thucydides) and can be found in mythology. Mythological themes can be used in literature, if they are useful to the intents of the poet (Aristoteles), namely in Euripides' tragedy. However, the author has responsibilities towards the education of the citizens and he should avoid exempla that will increase and continue hate and violence (Plato).

KEY-WORDS: classical mythology; violence; children.